



PAÇO DE SOUSA.

ENTRE os mosteiros grandes e de magestade que a sagrada religião beneditina teve na provincia de Entre Douro e Minho, um delles foi o mosteiro do *Salvador* de Paço de Sousa. Chama-se do *Salvador* por ser dedicado a elle; e de Paço por estar fundado entre as obras do dito mosteiro o Paço de D. Egas Moniz. Chama-se finalmente Paço de Sousa, porque está edificado mui perto do rio Sousa, que tem sua fonte . . . junto á igreja de Moure, entre o nosso mosteiro de Pombeiro e o de Cramos, e fazendo seu curso por espaço de sete ou oito leguas, vai morrer no rio Douro, em que entra defronte do lugar de Arnellas duas leguas acima do Porto. Está afastado da dita cidade do Porto cinco leguas para o nascente, e uma só de Arrifana de Sousa. (*) O sitio é algum tanto baixo mas sadío. A terra vizinha é das mais frescas de Entre Douro e Minho, plantada toda de castanheiros e carvalhos mui grossos que se vão ás nuvens, abastada e abundante de todas as cousas necessarias para a vida. A freguezia do mosteiro é tão povoada de gente, que terá 800 pessoas de communhão, pouco mais ou menos, e muita della bem nascida: tem por vizinhos tres solares da nobreza: um é dos Brandões que vivem na Torre de Coreyxas: outro dos Azevedos e Ataydes que vivem na Honra que chamam Barbosa: outro dos Peixotos da Sylva, cujo morgado vive onde chamam o Reguengo, e é adail-mór daquellas par-

tes.» — Assim se explica Fr. Leão de S. Thomaz na *Bened. Lus.* tom. 2.º pag. 261.

É celebre este mosteiro em a nossa historia por conservar o documento monumental que testefica a generosa acção e fidelidade de palavra, praticada pelo aio de D. Affonso Henriques, que

Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida. (**)

Veja-se a este respeito um desenho e noticia inherente, que estampámos no vol. 1.º desta nossa publicação: — e com a maior extensão a Memoria polemica do Dr. Antonio d'Almeida no tom. 11.º da Academia. — A opinião do vulgo dava o referido aio por fundador do cenobio de Paço de Sousa, porque ahi tinha elle seu moimento: não é porem verdadeira, e assim o declara o citado A. da *Benedictina* accrescentando: — «Egas Moniz bemfeitor foi do mosteiro, e memoria ha de obras que a elle se attribuem, como foram aposentos seus que tiveram nome de Paço, um dormitorio grande para os religiosos, com uma torre forte e formosa que eu ainda alcancei servindo de hospedaria:» tinha anteriormente allegado dois logares do Nobiliario do conde D. Pedro, que declaram ser o fundador Tructozendo Guedes, [como escrevemos a pag. 101 do dito 1.º vol.] o mesmo que edificára, para seu jazigo e de seus descendentes, a igreja denominada

(*) Hoje cidade de Penafiel.

JUNHO 22 — 1844.

(**) Lusitadas. oit. 37 do cant. 3.º

do corporal de Paço de Sousa contigua á do mosteiro, por se não dar neste, como em todos, sepultura a seculares naquella tempo.

Os ossos de Egas Moniz e de seus filhos descansavam nessa igreja do *corporal*, até que em virtude da demolição della em 1605 foram removidos para a capella-mór do mosteiro os monumentos que os encerravam, e que tiveram de passar por outra mudança quando o abade mandou rebaixar o pavimento da capella-mór pelos annos de 1741; então soffreram estragos e mutilações as pedras sepulchraes lavradas; a final houve nova trasladação por occasião de novas obras em 1784 para o corpo da igreja, onde se acham no estado em que antecedentemente as descrevemos.

A fundação do mosteiro data do seculo decimo, mas a igreja foi sagrada a 29 de setembro de 1088. O desenho do frontispicio dispensa qualquer descripção, patenteando o extravagante gosto do architecto. — Depois da extincção dos abbades commendatarios, alguns dos abbades triennaes, cuja serie começou em 1580, em seus respectivos governos foram accrescentando a casa com edificios, que d'antes não tinha « como claustros altas e baixas, agua perenne no meio da claustro e em todas as mais officinas, casa de capitulo nas claustros altas, no andar das mesmas refeitorio com suas janellas para o meio-dia, um dormitorio mui bastante, que vai correndo de norte a sul com as janellas sobre a cêrca do mosteiro, e outras obras de menos consideração.»

A freguezia de S. Salvador de Paço de Sousa tinha em 1841 509 fogos e 1667 individuos: pertencia ao Couto da mesma denominação, mas sendo adstricta ao termo de Penafiel pelo alvará de 28 de junho de 1770, depois de algumas contestações lhe ficou effectivamente pertencendo por disposição regia de 23 de agosto de 1794, que deu por extincto o sobredito Couto de Paço de Sousa para nunca mais ter exercicio.

NÃO VALE A LIÇÃO MIL DOBRAS?

(Episodio das guerras de successão entre Castella e Portugal).

[1385].

II.

D. DAVID ALGADUXE.

«Nun'Alv'res disse que lhe não parecia bem, nem aguisado tomarem dinheiro de nenhuma pessoa, salvo d'aquelles, a que entendessem de servir.»

FERNÃO LOPES. — *Chronica de El-rei D. João*, o 1.º

NUNCA no mundo se viu cara mais pasmada e divertida do que a do pobre Aphonso de Valença ao ouvir a desconchavada gargalhada do escudeiro. Parecia-lhe impossivel o que este lhe dissera — e era de razão julga-lo assim.

A boa da donzella, que tambem tinha a espinha do amor cravada no coração, como fallasse frequentemente no nome do mancebo por modo que despertou suspeitas na zelosa dona, irmã do escudeiro, assentou que não podia achar melhor disfarce do que dar ao seu querido as amaveis prendas

de cego, çosso e momo, que no antecedente capitulo mencionámos. A ponto percebeu o escudeiro a innocente astuciasinha da singela-moça, e a sua hilaridade crescia á proporção que admirava o airoso talhe e a agradável cara do castelhano.

Como porem não seja cousa possivel ficar a rir por uma eternidade, forçoso foi que o nosso folgado amigo tomasse mais serias disposições.

«São horas de partir, camarada — disse elle, dispondo-se a juntar o exemplo á palavra; — e se este honrado velho tem que tratar com o nobre Fronteiro, meu amo, continue eomnosco o seu caminho, que eu mesmo o guiarei a sua mercê»

O mancebo, que morria de impaciencia, e que não tinha muito que apparellhar para a jornada, pôz-se logo impacientemente em pé com mostras do grande desejo que tinha de se ver já na villa. Quanto ao velho, postoque se demorasse um pouco mais em reexaminar os seus alforjes, não se fez tambem esperar muito.

E todos tres deram a andar em direitura á muito antiga e nobre villa, em que então se alojava o bom cavalleiro Nun'Alv'res, *Fronteiro d'entre Tejo e Odiana pelo Mestre*.

Estamos n'uma larga casa lageada, cujas altas abobadas infundem respeito. Entra-lhe mistica luz pelas janellas esguias, carregadas de esculpturas, de florões e estranhas *chimeras*. No desvão de uma dellas ahi vemos um mancebo, vergado sobre o parapeito, com a face encostada ao punho, e ao parecer empégado em profunda cogitação.

Quem será elle, que sem de todo ter ainda colhido a flôr da sua mocidade, já tem esculpido nas rugas da fronte os cuidados da velhice? Serão penas de amor que assim lha anuviam! Serão os tormentos da ausencia, ou os espinhos da ambição?

Não, não são. É aquelle moço a maravilha do seu seculo; é a alma dos grandes combates daquella grande epocha; é o amigo do mestre d'Aviz; o escudo da sua causa; a mais valente espada do reino; o melhor cavalleiro entre tantos bons cavalleiros. — É Nun'Alv'res emfim.

Não o distrabem penas d'amor, não o occupam desvellos da ambição. Na sua grande alma só ha logar para um sentimento unico, immenso e nobilissimo — o amor da sua patria! Aquelle mancebo que achais tão novo ainda, na idade dos amores e dos prazeres, vêdes-lo serio e grave como os mais velhos; preocupado e meditabundo? A ampla fronte está obscurecida de cuidados. O santo fogo da patria queimou-lhe todo o coração, abrazou-lhe o peito, incendiou-lhe a phantasia. Das verduras da vida não ha já senão cinzas mortas sobre aquellas faces pallidas das vigalias patrioticas, e queimadas pelo sol das batalhas.

Aquelle espirito de rara tempera nunca foi de mancebo — foi d'homem sempre. A frivolidade dos annos juvenis nunca a elle conheceu. «Patria» foi o primeiro grito daquella alma quando impetuosa anciava derramar-se pelo mundo. «Patria» foi o seu derradeiro brado quando nas mãos de Deus se entregava á eternidade dos justos. Os sorrisos e as amenidades das communs existencias esvoaçaram em torno d'elle sem lhe prenderem as atenções — foi unico — foi exemplar!

E perdoe-se-nos a nós se nestas particularidades nos demorámos. Aquella sacratissima chamma, que tanto e tanto illuminava os finados dias da nossa gloria, ainda para nós tem vivos reflexos. Nestas

epochas lastimosas, lugubrememente allumiadas pelo facho das discordias civis, n'as em parte, e em parte cobertas de farrapos das revoluções, é suave volver os olhos a esses tempos tão saudosos e repousá-los brandamente naquellas sublimes dedicações [primeira base dos nossos grandes feitos nas quatro partes do mundo], afastando-os dessas ignobéis e repugnantes vilezas do egoismo, que ahi se vai campeando audaz, seguido de todo o seculo, que por seu rei o aclama. Aonde no meio de tão grande secura e aridez, e de tão desamparado deserto, aonde, senão ahi, acharemos nós consolações?

A historia do passado é já agora o só recanto em que a alma portugueza ainda se póde ir obscuramente aninhar para de si ouvir alguma cousa. Aquellas gloriosas acções são as unicas relvas em que o espirito poderá ir repousar-se completamente dos ardores destes dias requeimados pelo interesse.

Silencio porem, que o moço heroe nos espera, entregue ainda aos pensamentos da sua predilecção, ainda como o deixámos, absorto e contemplativo.

No meio do silencio profundo que dentro e fóra de casa está reinando, como se tudo respeitasse as altas cogitações do mancebo singular, ouvem-se passos de alguém a approximar-se. Ao sonoro ranger de uma porta que se abre, Nun'Alv'res volta o rosto, e dando com os olhos no escudeiro com quem já fizemos conhecimento: «Já de volta? — lhe diz com severa benignidade.

«Já: — responde com submissão o escudeiro — e, salvo o respeito devido, dir-vos-hei, senhor meu, que por vontade fóra mais curta ainda a jornada. Se em quanto eu caminhava descansado sua mercê corresse aos castellãos. . . .

«Doer-te-hias disso? — interrompeu sorrindo o mancebo.

«Bofé que sim, Sr. Fronteiro. Quem peleja em vossa companhia costuma-se tão depressa a jogar lançadas que não admira sentir a falta dellas.

«E assim vos quero eu — acudiu o Fronteiro. — Dos nossos ferros e dos nossos peitos carece a patria; cumpre não dar descanso a uns nem outros. Mas que motivo aqui te conduz?

«Devéras que me não lembrava. Perdoai-me vós, Sr. Fronteiro, que em se fallando desses perros de Castella, já me não lembra mais nada deste mundo. Um velho, muito velho, que veio comigo de jornada, diz ter cousa de importancia que tratar com sua mercê.

«Algum que a mim se accorre — tornou o moço Nun'Alv'res. — Em má hora vem — accrescentou elle mais baixo, suspirando intimamente. Depois proseguiu em voz alta: — É sem duvida necessitado?

«Um pedinte ao que parece — acudiu o escudeiro com certo ar malicioso que lhe era mui vulgar. — Mas se os olhos me não mentem, não é elle tão mesquinho como o mostram os seus andrajos. E, por Christo e a Virgem sua Mãi, que já eu ao certo o soubera se não foram certas rasões. . . . emfim atraz do tempo, tempo virá. . . .

«E por parte de quem me busca o velho? — perguntou o Fronteiro com modo grave e de pezo.

«Por parte de Castella, ao que diz — acudiu o escudeiro.

«Por parte de Castella! — respondeu Nun'Alv'res chammejando-lhe os olhos.

A este nome da terra dos seus inimigos, o man-

cebo mal era senhor das suas iras. Conteve-se porem, e socegado, mas severo, disse imperiosamente:

«Que entre.

O escudeiro introduziu o velho. Já o conhecemos. Vinha ainda todo empoeirado da jornada, e a só differença que se lhe poderia notar era um embrulho volumoso que trazia sobraçado com custo, e que parecia objecto de todos os seus desvellos. Quanto ao mais absolutamente como já tivemos a honra de vo-lo appresentar.

Apenas entrou, lançou uma vista d'olhos expressiva e insolente ao escudeiro [que estava de pé e descoberto, em attitude ao mesmo passo respeitosa e maligna], como quem o desafiava naquelle logar de segurança, e adiantando-se inquieto e turbado, como se farejasse o seu destino no rosto do mancebo, saudou este com a mais humilde e profunda inclinação que nunca se fez nos estrados de um palacio.

«Que me quereis vós, ancião? — perguntou o mancebo, buscando disfarçar a repugnante impressão que lhe causava a sordida apparencia do velho.

«Sua mercê faria grande esmola a este seu servo se quizesse ouvi-lo um momento em particular — respondeu o velho curvando-se cada vez mais baixo.

Ao leve aceno do Fronteiro o escudeiro sahita seguido pelo maligno olhar do velho, que parecia haver-lhe tomado um asco particular. Mas pela estreita fenda da porta mal cerrada ficou a scintillar um par d'olhos de viveza notavel.

O bom do escudeiro era só á sua parte tão curioso como todos os seus confrades reunidos.

Ficando só com Nun'Alv'res o velho achou-se singularmente perturbado. Via-se que tinha algum negocio grave que tratar, mas esse era de si muito espinhoso, pois que tanto o embarçava expô-lo á pessoa a quem se dirigia. Devia de ser de bem estranha natureza a sua missão, pois que assim temia na occasião de cumpri-la.

«Não tenhais receio aqui — disse Nun'Alv'res, reparando nos modos aterrorizados do velho, e tentando mostrar-lhe benignidade. — Posto que por parte de inimigos venhais, contaí que estais seguro. Nun'Alv'res não tem só uma espada para campos de batalha, tem tambem ouvidos indulgentes para escutar mensagens pacificas.

Visivelmente animado por estas palavras, descansou o velho sobre um escanço, que alli havia, o seu pesado embrulho, que retiniu com o mais sonoro e agradável rumor do mundo, e tomando ares de resolute assim começou a sua arenga:

«Como pagem que fostes da senhora rainha D. Lianor, e por ella escolhido, heis-de sem duvida ter conhecido o seu thesoureiro D. Judá. Eu, meu nobre senhor, sou irmão da mulher desse D. Judá. Sou D. David Algaduxe, o hebreu. . . .

A esta inopinada relação da parentella do judeu, apesar do acatamento com que fóra feita, Nun'Alv'res recuou com mui apparentes mostras do emojó que lhe causava semelhante companhia.

Não escapou ás vistas inquietas do judeu velluo o movimento de Nun'Alv'res, e de todo desconcertado por aquella indignação [que elle julgára haver prevenido pela apellação ás lembranças do mancebo ácerca dos seus dinheirosos parentes] certamente que ficaria no estranho preambulo se um imperioso «Prosegue» de Nun'Alv'res lhe não tivera posto a lingua a caminho. Desmantelado assim logo pelos alicerces o edificio da sua oratoria, ficou o pobre

judeu unicamente reduzido á mensagem nua e crua, que não teve remedio senão balbuciar desordenadamente e com o peor geito possível.

« Senhor, senhor, perdoai-me... — disse elle com os mais piedosos extremos... — Que sou eu para merecer a vossa cholera?... Nem é tão pouco o vosso servo que se atreve a dizer-vos nada...

Como elrei de Castella, meu senhor, soubesse que andaveis *misterioso de dinheiros* (*)... oh! desculpai-me, senhor meu... mandou-me a vós offerecer-vos essas quinhentas dobras...

O Fronteiro levou vivamente a mão ao punho da espada.

« Ai! perdão, meu nobre senhor — acudiu o velho tremendo como varas verdes. E buscando remedio ao effeito das suas palavras, medido pelo instincto da avareza, continuou: — Roga-vos elrei que acceiteis aquellas oitocentas dobras, porque...

A ira do Fronteiro apenas era contida pela abjecção do miseravel mensageiro.

« Oitocentas não — proseguiu este absolutamente fóra de si. — São novecentas... novecentas e cinquenta... mil... mil, senhor... mil é que são... são mil dobras contadas...

Nun'Alv'res estava furioso. O leão portuguez, sequioso de faltar a sua cholera em alguém digno delle, com a espada meia arrancada buscava em torno de si alguma cousa forte e varonil, capaz de resistir-lhe e de o saciar.

Nisto entrou ruidosamente um troço de mancebos, seus companheiros de armas, dos que mais folgavam de combater á sombra da sua bandeira.

« Vinde, vinde, senhores — bradou elle chamando-os para si. — Vinde ver o dom com que elrei de Castella pertende comprar um cavalleiro de Portugal.

Ferviam-lhe as iras nestas palavras, e a cholera, longamente reprimida, rebentava furibunda. Dizendo, com um revez da espadá lançou por terra o embrulho das mil dobras que rolaram sonoramente pelo pavimento lageado. No mesmo ponto o judeu lançou-se por terra a apanhar soffregamente a moeda espalhada.

A esta vista a cholera de Nun'Alv'res cahiu e cedeu o lugar á mais nobre e heroica altivez:

« Vêde-o, senhores, vêde-o — bradou elle inclinando para o miseravel avaro a ponta do ferro. — Vêde-o. Não é esse judeu infame, não é esse reprobado infiel; é elrei de Castella, cujo mensageiro é, que se roja na terra sobre o ouro da traição que eu calco aos pés.»

E o futuro paladino de Aljubarrota, que n'aquelle momento não tinha nem com que mandasse compor o seu gibão, sabiu, calcando nobremente o oiro de Castella, pobre mas heróe!

Pouco depois ouviram-se pela casa uns guinchos desentoados que chamaram a attenção de todos.

Era o bom do escudeiro que levava o judeu pelas orelhas não querendo — dizia elle — toma-lo por outra parte para se não enxovalhar.

(Continúa.)

NOTAVEL IDOLO PERSA.

No INTERIOR da Persia, a duzentas milhas de distancia da capital, Ispahan (:) ha uma vasta plani-

(*) São as proprias palavras da Chronica. — Cap. 128 P. 1.^a

(:) Vid. a estampa e o art.º = Ispahan e os persas modernos = a pag. 186 do vol. 2.º da 1.^a Serie.

cie, por onde estão disseminados vestigios de antigas obras, como templos, aras, tumulos, &c., e dizem que tivera alli assento a cidade de Pasargada. Nesta campina acha-se uma plataforma, de cem pés em quadro, com um pilar de 22½ palmos em cada canto e cavada a face do nordeste, tendo na opposta uma inscripção; no meio deste espaço ergue-se uma columna altissima, perfeitamente redonda e lisa como se a houvessem polido; não se descobrem indicios de muros que juntassem os quatro angulos. — A pouca distancia vê-se outra plataforma, que mostra ter sido de maior extensão, em que ha duas ordens de pedestaes, uma que parece destinada a sustentar um alpendre que já não existe, e a menor serviria provavelmente como bases de columnas. — Dahi a poucos passos, a um lado, encontra-se uma pedra marmorea, desacompanhada, e de 15 pés de altura, e nella em baixo-relevo esculpida a figura que appresentamos na gravura presente. É a imagem de um homem com seu



vestido talar mui justo ao corpo, e com o braço direito de fóra, erguido do cotovelo ao punho, e ao que póde julgar-se do estado mutilado da extremidade devia a mão estar aberta em igual postura; tem coberta a cabeça com um barrete unido ao casco, e que alcança até a nuca, com sua presilha circular sobre cada orelha. A barba é curta mas revolta, e encaracolada; a face tão chata que mal se percebe o contorno; da curva do braço até o rodapé da opa corre uma facha de rosas, delicadamente lavradas, com guarnição de franja, como frocos, por toda a ourella, também de muita perfeição. Sahem-lhe dos hombros quatro grandes azas, duas que abrem para cima quasi até a cabeça, e as outras duas abrem para baixo: o sinzelado das penas é exquisito, e talvez a cousa mais para admirar nesta obra. Do remoinho da cabeça rompe um

toro com dois ramos, á feição de pontas de gado cornigero, enfeitadas no meio com tres balas em linha, sobre as quaes pousam vasos semelhantes a jarras com outras esferas no bocal; ha mais de cada lado duas figurinhas de mumias. — Toda a figura dos pés á cabeça mede dez palmos proximamente, e na parte superior está gravada na pedra uma inscripção em caracteres miudos *cuneiformes*, que se reputam de uma linguagem escripta e usada na Persia no tempo decorrido de Cyro a Alexandre.

O viajante Robert Ker Porter, attendendo ás particularidades da figura, ás amplas azas quadruplas, ao longo vestido adornado ricamente, aos cornos da cabeça que por largo tempo foram no Oriente symbolo de poderio e força, conjectura que por taes attributos o paganismo que antes do alcorão reinava na Persia (***) designou um espirito superior, talvez o genio tutelar daquella região. Suppõem alem disso que em tempo de Cyro podiam aquelles pagãos adquirir conhecimento de algumas tradições judaicas e biblicas, e dahi tomariam entre outras cousas as azas de cherubins, que extravagantemente adaptaram a este idolo e porventura a outros d'entre muitos que adoravam.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

VII. (*)

ESCUPTURA.

.....
Et pas un détail n'est oublié; pas une seule des beautés de ce beau corps n'a été négligée: le marbre assoupli obéit à toutes les volontés, j'ai presque dit à toutes les passions de l'artiste.
.....

Il est, en effet, impossible de donner au marbre une transformation plus belle et plus savante.

LES BEAUX-ARTS. — Salon de 1843.

O GENIO do artista interrogando as duvidosas memorias do passado — as quasi esquecidas tradições, produz uma harmonia profunda e sublime reunindo os sumidos echos, que ainda repetem parte do tumultuar da vida das gerações extinctas — e na tã subtil e tantas vezes despedaçada a que se prende a historia dos povos, percebe o caracter de uma epocha ou a memoria de um individuo, e depois de haver atravessado as trevas do passado, arranca ao esquecimento ou ao erro a victima que em breve lhe seria immolada, e appresentando-a ao presente rasga-lhe o sudario que já a envolvia, e aformosea-a com brilhantes ou singelos trajés. — Eis-aqui o que fez o Sr. Francisco de Paula Araujo Cerqueira, digno professor substituto da aula e laboratorio de esculptura; imaginando e modelando o baixo-relevo, moldado em gesso, que appresentou na exposição, o qual tem 3½ palmos de altura e 5 de largura, e representa o valoroso capitão Viriato jurando sobre o peito de uma donzella, morta pelos romanos, vingar-se do sangue innocente que o pretor Sergio Galba, traioeira e cruelmente havia feito derramar nos campos da Lusitania; e seus companheiros

tambem juram com elle tomar vingança da barbara e deshumana sevicia daquelle pretor (:::).

O entusiasmo do sentimento — o estudo do antigo, e a graciosa e pura harmonia da composição, gravaram neste admiravel baixo-relevo o seu merecido elogio — a vida e a morte abi se encontram em um perfeito contraste — todas as figuras vivem e sentem o horror sublime de tão extraordinaria acção — toda a composição possui um encanto que a vista não a quer deixar — a memoria não a esquece, e a alma não se cança de a contemplar — a poesia arrebatada e mysteriosa dos barbaros transluz nos rostos severos dos guerreiros, nos quaes o sentir íntimo da alma se reflecte transformado em um gesto magestosamente doloroso, que resume a solemnidade temivel do juramento — os grupos estão distribuidos com muita intelligencia e naturalidade, e cada uma das figuras tem uma expressão particular que mysteriosamente se combina com a acção principal, onde forçosamente se concentra a attenção do espectador.

No centro do baixo-relevo está Viriato, o heroe sem igual dos lusitanos — considerado como salteador e perverso nas paginas dos orgulhosos escriptores romanos, e como martyr da liberdade e heroe querido de um povo nas paginas singelas mas verdadeiras do antigo livro das tradições, e naquelle gesto nobre e expressivo com que o Sr. Cerqueira animou o rosto heroico de tão valoroso e sagaz pelejador: perto de Viriato está o cadaver sobre o qual jura vingança contra a infame traição de Sergio Galba — este cadaver sustido por um dos guerreiros é uma das partes mais perfeitas de tão perfeito baixo-relevo — o desfalecimento eterno da morte foi sabiamente comprehendido pelo Sr. Cerqueira: imaginai que o guerreiro desampara o corpo da donzella e o cadaver cahirá sobre a terra — aquelle peito formoso sobre o qual pousa a mão do intrepido lusitano já não tem um só movimento com que responda ao desconcertado arfar que parece estremecer a tunica curta que apertada na cintura por um cinto de couro simples e elegantemente veste o pastor guerreiro. — Os olhos de Viriato affastam-se desse rosto que pende sem vida, desse seio castamente nú que a sua dextra toca, e cravando a vista na amplidão mysteriosa dos céus profere as temiveis palavras que uma vida de combates hade realisar — examinaí a expressão de todos os rostos e nenhum vos contará tão perfeitamente a causa e as antecedencias da scena que presencias do que o rosto de Viriato, apesar de em todos estar gradualmente gravado o sentimento que completamente manifesta os motivos de tão solemne juramento. — Examinemos a relação em que a expressão de todas as figuras, mormente a de Viriato, está com a situação moral de todas: o plano destes nossos artigos obriga-nos a este exame — o artista deve sahir da esphera mesquinha de uma execução unicamente material, e hoje uma das heresias da arte é o que quer referir tudo á fôrma — não se póde designar por artista senão o homem de pensamento, que sente antecipadamente a sensação que as suas obras hão de produzir no publico; para com toda a justiça podermos manifestar o entusiasmo com que admiramos o genio do Sr. Cerqueira examinemos o pensamento da sua composição antes de completarmos com algumas reflexões ácerca do baixo-relevo,

(:::) Descripção das obras dos professores, &c. &c., ás quaes se refere a synopsis lida em sessão publica da Academia, &c., pag. 16.

(**) Alem dos discipulos de Zoroastro.

(*) O art.º antecedente a pag. 192.

o que pensámos da intelligente execução de tão admirada obra.

Estudo e meditação, são os dois elementos que concorreram para a realisação do pensamento de modelar este baixo-relevo — um facto da vida de Viriato para ser apresentado ao publico exige alem de ser bem averiguado por quem o apresenta, que sobre as suas causas e effeitos se haja meditado por largo espaço — a historia de Viriato póde ser considerada de dois modos, como a historia de um individuo que tentava libertar um povo extinto em uma epocha remota e pouco conhecida, ou como a historia de um homem formando um dos elementos da historia da infancia de uma nação.—Viriato, heroe dos lusitanos barbaros, sem descendencia conhecida, sem titulos valiosos que por tal o façam eonsiderar, ou Viriato heroe dos lusitanos — ascendentes dos portuguezes — eis as duas hypotheses que se podem estabelecer ácerca de Viriato — a esta ultima sustentada pela vaidade de um povo e assente sobre uma montanha de pergaminhos, glosas sempre do mesmo mote, tem contra si a rasão que mais se declara pela primeira; pois que a identidade de territorio, como diz um nosso escriptor bem conhecido, não póde constituir identidade de nacionalidades, e em verdade — os portuguezes de Affonso Henriques e de D. João I. só podem ter relações fundadas na identidade de territorio, com os barbaros commandados por Viriato, ou mais particularmente denominados por *Lusitani*, e estas relações tanto podem existir com esta tribu como com as outras tres, a dos *Vertones*, *Celtici*, e *Cunei* que habitaram a Lusitania — nesta parte o baixo-relevo mostra que seu auctor se declara pelo partido da rasão pois que nem uma allegoria indica que essa scena deva estar escripta na primeira pagina da historia de Portugal, nem a explicação impressa manifesta similhante intenção, que um mal entendido amor da patria poderia desculpar, mas que a critica não deixaria sem exame; porque o povo portuguez não precisa apresentar um documento duvidoso como titulo da sua nobreza e do seu valor: o que deixámos dito próva já de sobejo o estudo que o Sr. Cerqueira fez para imaginar esta sua primorosa producção: vejamos como ella nos revela as meditações que lhe deram origem, e para este fim recordemos as causas e os effeitos do facto representado no baixo-relevo.

Apezar das incertezas e probabilidades que cercam o berço da Lusitania parece assentado que esta região era o territorio que ficou entre a foz do rio Annas e as margens do Durius, comprehendendo as provincias denominadas hoje a Beira, Estremadura, Alemtejo, Algarve, e algumas das provincias hespanholas limitrophes destas. — Os phenicios, que o seu commercio conduzia aos differentes povos, deveriam ter conhecido antes dos carthaginezes esta região que estes depois conquistaram, afogando em rios de sangue a independencia das Hespanhas, que voltando á vida os expulsou, mas que brevemente succumbiu ao poder dos romanos que a tinham ajudado a combater os seus oppressores. A Lusitania conquistada pela republica romana continúa com mais vigor a vida tumultuaria com que de ha muito resistia ao poder do mais forte — o qual por differentes vezes a tinha conquistado. — Roma que entretia as suas conquistas e as prolongava para derramar pelo mundo os seus exercitos que trasbordavam nos seus territorios, mas que bem reconhecia a impossibilidade de ramificar as

suas instituições politicas, pouco averiguava se os que mandava para governarem as suas conquistas tratariam de as organizar em relação ao systema governamental da republica, e deste modo tantos eram os pretores encarregados de governarem os povos conquistados, quantos eram os despotas que os opprimiam, e desta oppressão nasciam as reacções, que longe de serem um mal para a senhora do mundo, eram um bem, porque o seu grande exercito a destruiria assim que estivesse ocioso: um destes pretores tyrannos e sequiosos de riquezas e de sangue foi enviado para a Lusitania, o seu nome era Sulpicio Galba — ao despotismo dos seus collegas juntava um caracter traiçoeiro, animo destemido e grande perspicacia, e deste modo muito mais pesada e terrivel se tornou a oppressão que de ha muito soffriam os lusitanos, os quaes cansados de tanto soffrer tentaram em ultimo e desesperado esforço expirar para sempre com a liberdade ou quebrar algum dos grilhões da sua escravidão — apezar da disciplina das legiões romanas e do seu numero, póde mais o sentimento da independencia de um povo do que a pertença brutal de o escravisar, e Galba forçado a retirar-se para Carmona deixou os livres campos da Lusitania juncados de mais de sete mil cadaveres; mas esta victoria dos lusitanos era apenas um desses milagres nascidos do amor da patria; mas que sem assentarem em um elemento que physicamente se possa oppôr com vantagem aos seus inimigos, acabam, e volta de novo a escravidão, até que chega o momento solemne em que todos os grilhões se despedaçam para nunca mais apertarem os pulsos livres que os arremçam aos cadaveres dos tyrannos: assim a primavera que viu a momentanea liberdade dos lusitanos os viu novamente escravos. Galba repentinamente, e com tanta rapidez como a tinha perdido, torna a conquistar a Lusitania — nunca houve exercitos mais temiveis e ferozes do que os romanos, se depois de vencidos podiam outra vez vencer os seus vencedores que já outrora tinham conquistado; e tal foi a vingança de Galba, que do centro das cidades abrazadas e dos campos devastados se levantou um grito desesperadamente doloroso pedindo compaixão: mas o malvado pretor só viu nesta lastimosa situação um novo meio de mais horrosamente satisfazer a sua barbara vingança. Finge compadecer-se dos tormentos que para elle são um prazer; engana os lusitanos com promessas hypocritas e protestos mentidos, que seria longo relatar, e por ultimo os illude a ponto que lhes aconselha, que para se verem livres das perseguições dos seus visinhos e para concluir o tratado que deve conceder a paz concorram a um certo local que por mais seguro lhe designa; e assim que os lusitanos vão para esse sitio são repentinamente accommettidos pelo exercito de Galba, que em traiçoeira e infame peleja os vence e mata: poucos são os que podem fugir á mortandade que não poupa sexo nem idade — a lança romana traspassa tanto o peito do mancebo intrepido que lhe oppõe valente escudo, como o coração da mulher que só lhe oppõe lagrimas e rogos, e o do innocente que horrorizado esconde as faces virginaes no seio materno, ou nas caãs do ancião que ainda o defende com o ultimo alento da sua vida — este sangue cobardeamente derramado clamava por uma vingança, e este clamor teve echo na alma de todos quantos haviam podido fugir de tão cruel morte. Entre estes estava um que outrora havia sido pastor, e que por

todos era considerado como um dos mais intrepidos e generosos guerreiros lusitanos — e este era Viriato: foi elle que apenas passados dois dias, sabendo que os romanos se haviam retirado do campo que tinham cuberto de nove mil victimas exhortou seus companheiros d'armas para irem jurar vingança sobre esses ultimos restos das suas mais queridas affeições — chegam ao campo, e abrindo caminho por entre os mortos e os moribundos cada um procura os que mais amava e para sempre perdêra — foi o termo desta scena, que se não pôde descrever, mas que se imagina e se sente, que o Sr. Cerqueira escolheu para assumpto do seu baixo-relevo — uma tradição antiquissima, como todas quantas se referem a esta epocha, e a qual tem sido aceita por alguns historiadores diz, que a donzella sobre o peito da qual Viriato fizera o terrivel juramento era sua filha, e se com alguma attenção examinássemos esta opinião o raciocinio a confirma bastante, pois que nada mais natural do que preferir os restos de uma filha a outro qualquer cadaver, e mesmo porque apesar do reconhecido animo intrepido de Viriato nenhum desaire é para o seu valor um dos motivos que na sua alma despertou o pensamento de libertar a patria: foi o vingar-se do sangue de uma filha, e todos estes factos foram sabiamente considerados pelo Sr. Cerqueira — e esses guerreiros que vedes entre os irmãos d'armas de Viriato, e que parecem suffocar o pranto para proferirem o juramento, e até um delles que tem parte da cara cuberta com uma das mãos nos estão dizendo, que esses homens que vedes em volta de um cadaver protestando libertar a patria chegaram a esse logar passando por junto dos cadaveres de suas esposas, de seus pais, ou de seus filhos, e que os labios que estremecem proferindo tão terriveis e solemnes palavras ainda sentem a frígida sensação do derradeiro osculo depositado sobre os cadaveres das pessoas que lhe haviam sido queridas: e a figura de Viriato, a sua posição, e o seu gesto não desmentem esta tradição tão rica de sentimento e tão digna de ser aceita. — Este juramento confirmado por outro ainda mais terrivel, que parece decidir da sorte de um povo só decidiu da vida de um homem. — Viriato victima de uma traição começou a carreira triumphante das armas, e victima de outra traição succumbiu aos golpes dos assassinos que por ordem do questor Servilio Cepião, que o não podêra vencer, vieram durante o somno da vida cerrar-lhe as palpebras para o somno da morte — este presentimento está gravado em todo o baixo-relevo, pois que nenhum guerreiro expressa mais nem tão solememente o juramento como Viriato; parecendo até que este o profere com uma certa individualidade, que apesar de não ser muito manifesta, é tanto quanto baste para manifestar a elevada intelligencia do Sr. Cerqueira, e a perfeição com que comprehendeu o pensamento da sua composição em todos os desenvolvimentos e variações que podia e devia ter.

O rosto de Viriato e a sua nobre e sublime mas ao mesmo tempo severa expressão é digna do heroe, que depois de momentaneamente vencido pela força superior do exercito commandado por Marco Vitellio o destroe completamente, morrendo até Vitellio perto das muralhas de Tribela, que vence depois o questor Claudio e chega até Toledo, e que nos campos de Ourique despedaça as aguias romanas, que triumphantes e atrevidas voavam do capitolio sobre o mundo; finalmente o Viriato imaginado e mo-

delado pelo Sr. Cerqueira é o guerreiro valeroso e magnanimo que depois de vencer Claudio Unimano sobre esses campos — quasi quatorze seculos depois testemunhas da victoria milagrosa de Affonso Henriques: — faz estremecer Roma ao saber da fama que tão intrepidos feitos haviam ganhado para este heroe que depois de vencer Nigidio foi pelos seus proclamado como libertador da patria, e obrigou o senado romano a enviar para as Hespanhas um dos mais valentes generaes romanos, o proconsul Quinto Fabio Emiliano, o qual sem ter querido sustentar nenhum combate decisivo entregou o commando a Serviliano, que depois de insignificantes triumphos e de ser muitas vezes vencido foi obrigado a reconhecer Viriato como amigo e alliado de Roma: mas o orgulho e ambição desta republica não confirmou a independencia dos lusitanos, destituiu Serviliano e em seu logar nomeou Q. S. Cepião, o qual como já dissemos 140 annos antes do nascimento de J. C. mandou assassinar Viriato. — Todas estas acções valerosas são dignas da figura de Viriato que tão notavelmente está collocado no baixo-relevo, do qual tentámos examinar o pensamento e a disposição que com a idéa de que é origem tem immediata relação.

Quanto ao que na arte se chama fórma, ou vulgarmente execução, além de dizermos que é digna do artista que teve um tão vigoroso pensamento, devemos acrescentar para comprovarmos de algum modo a nossa fraca opinião, que lembrando-nos de que M. Schlegel diz nas suas *Lições sobre a theoria das Bellas-Artes* acerca da execução do baixo-relevo, parece-nos que a producção artistica de que fallámos satisfaz a todas as condições sabiamente mencionadas nessas tão estimaveis lições: pois que nenhuma das figuras do baixo-relevo do juramento de Viriato apresenta os defeitos a que pôde dar origem a difficuldade não só de bem as collocar, mas de acertadamente fazer com que a completa saliencia appareça onde deve apparecer, e do mesmo modo os locaes em que esta saliencia deve ser modificada, pois que o baixo-relevo não consiste em cortar figuras em metades e em as pregar sobre um plano — a posição tambem é uma das grandes difficuldades, pois que pôde ser causa de que o baixo-relevo produza um pessimo effeito; mas o Sr. Cerqueira tambem o soube evitar como os outros, principalmente a de introduzir a *estatuaria* ou o que os francezes chamam *ronde bosse* no baixo-relevo, e ainda que não empregasse totalmente este methodo, contudo bastante se lhe approximou para ter que lutar com os inconvenientes que o acompanham, e que só o genio e o estudo podem vencer; mas as difficuldades que esta especie de esculptura mixta offerece só foram uma nova occasião do Sr. Cerqueira mostrar o seu talento e saber.

Se este baixo-relevo for executado em marmore não duvidámos affirmar que a epigraphe que escolhemos para o artigo que lhe temos dedicado será o seu elogio, ainda que não seja o maior que se lhe possa tributar.

O Sr. Cerqueira que ha tres annos havia attrahido todas as attensões para o seu eloquente e bem pensado baixo-relevo da morte do honrado D. João de Castro, despertou de novo nesta exposição o mais intimo do sentimento, juntando ao elevado do seu pensamento, ao movimento e expressão das figuras a escolha de um assumpto que admittia mostrar o estudo do antigo, e assim resolveu o Sr. Cerqueira

o problema que bem poucos querem comprehender de unir a sublimidade do pensamento á formosura e perfeição da fórma.

S. J. Ribeiro de Sá.

Bibliographia.

EXCAVAÇÕES POÉTICAS por A. F. de Castilho. Lisboa 1844 — 1 vol. 8.º

Com este titulo acaba de publicar um volume de poesias avulsas o mais popular dos nossos poetas, aquelle que pela melodia da fórma, ou pelo affectuoso das idéas sabe mover maior numero de espiritos, porque sabe fazer vibrar as cordas do sentimento no coração humano. Este volume, primeiro de uma vasta collecção de obras quasi todas inéditas, contém um grande numero de poesias de circumstancia, a que nem por isso falta o cunho do engenho do auctor, e que já em parte foram impressas. Misturam-se com ellas algumas outras desconhecidas do publico, postoque já antigas pela data da sua composição. Preparando-se para correr largo estadio no campo da imprensa, o Sñr. Castilho seguiu o systema inverso do commum dos escriptores que nas collecções de suas obras começam pelas de maior vulto, e vão descendo ás de menos substancia, que se abrigam á sombra daquellas. Para os interesses dos auctores é este methodo o mais proveitoso; para o dos leitores de certo que não. Ha no plano do Sñr. Castilho não só confiança bem fundada em si; mas tambem uma especie de lealdade litteraria. Imprimindo estas peças avulsas elle apenas aponta os marcos milliarios da sua já assaz longa carreira poetica. É a arvore á borda da estrada, a cuja sombra se reclinou, a fonte em que foi saciar-se, o outeiro em cuja corôa scismou alguns momentos olhando lá ao longe para os affastados horisontes do existir; é o ramilhete de boninas colhido na margem humida do regato, e deixado ao pé da cruz á porta do cemiterio arido da montanha. São, enfim, fragmentos da sua vida interior, ou inspirações momentaneas e transitorias produzidas por sensações mais ou menos fortes da vida externa. Eis o que são as Excavações poeticas: pedras cahidas do regaço do artifice quando ajuntava os materiaes para erguer monumentos solidos, formosos e regulares.

Oxalá que todos esses livros annunciados no prospecto que precedeu este volume não tardem a ser patenteados ao publico; e que vejamos pôr brevemente o remate áquelles cuja traça em boa parte está executada e patente, como a traducção das Metamorphoses, e os Quadros Historicos. Para quem, como o Sñr. Castilho, pôde de antemão contar com o bom acolhimento universal, a publicação dos seus escriptos é um dever, porque na pobreza presente da nossa litteratura ella importa muito á gloria nacional, caso em que nenhuma desculpa é boa — nem sequer a da perguica, que foi, é, e será sempre o vicio innato, indestructivel, e diriamos quasi de direito divino de todos os poetas.

CICERO era accusado pelos seus coevos de não ter partido; nem disto fazia o grande orador segredo, porquanto muitas vezes dizia — que sabia de quem

devia fugir, mas ignorava a quem havia de seguir. — *Quem fugiam, scio: quem sequar, nescio.* Estando Cicero no senado, Laberio entrou tarde um dia, e não achando logar, o eloquente orador romano voltando-se para elle lhe disse: — que lh'o dera, senão estivera tão apertado: — motejando-o assim de senador novato, e juntamente a Cesar por ter creado tantos senadores novos. Laberio ouviu o sarcasmo de Cicero, e com tanta promptidão como agudeza lhe respondeu: — Por certo, que mal sei eu como te falta logar, estando tu costumado a assentar-te em duas cadeiras!

Uma balança offerece a imagem do mundo; nella vê-se subir a concha vazia, e descer pelo contrario aquella que tem os pezos.

CICERO, explicando a amizade e os amigos do seu tempo, [que por certo não eram melhores que os de hoje] os comparava ás andorinhas, que no verão nos acompanham, e no inverno se retiram. Assim tambem os amigos do tempo no verão da prosperidade assistem, e no inverno das afflicções e dos cuidados nos deixam. Este pensamento o reproduziu o nosso insigne Sá de Miranda nos seguintes versos:

Amigos aventureiros,
Amigos de louvaminhas,
Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as andorinhas,
Vão, e vem com tempo feito.

ATTRIBUE-SE o seguinte soneto ao conde da Ericeira, e nelle se queixa este illustre portuguez da sua adversa fortuna, que debalde procurou pelos caminhos da gloria. Encontrámos esta producção poetica entre muitas do mesmo auctor, e achámos que pelo seu contexto agradaria aos nossos leitores. Eis aqui pois o soneto:

Vi que o favor da côrte era vaidade,
Achei no amor desdem, sustos, e enganos,
Gastei no estudo a vista, o gosto, e os annos,
Encontrei inconstancias na amizade.

Astucias me offenderam a bondade,
Ao beneficio ingratições, e damnos,
Teve o valor por premios desenganos,
O conselho queixosos da verdade.

Julgou-se a cortezia abatimento,
E chamaram lisonja ao que era agrado;
Dissipou-se no gosto o luzimento.

Cortou-me a inveja o espirito elevado,
Não sei se me ficou o entendimento
Só para conhecer-me desgraçado.

QUAL é o homem que se pôde chamar compassivo? dizia Fan-chi.

— Aquelle que ama os seus semelhantes — respondia Confucio.

E qual é o homem prudente? accrescentou Fan-chi.

— O que conhece os outros homens — redarguiu Confucio. — *Livro das Maximas de Confucio.*